

Para Fipe, economia não aguentará

Na opinião do diretor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe-USP), Adroaldo Moura da Silva, a economia brasileira não aguenta no momento uma desindexação total. Os principais obstáculos para se iniciar esse processo, de acordo com o economista, são o Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e a política salarial.

"Com uma desindexação total", advertiu Moura da Silva, "o SFH quebraria". Além disso, observou, "seria uma loucura adotar a livre negociação salarial agora, com a inflação nos níveis atuais".

É PRECISO MAIS

Por isso, o diretor da Fipe acha mais prudente expurgar dos índices as altas decorrentes das medidas do último pacote, da seca no Nordeste e das chuvas no Centro-Sul. Só o expurgo dos índices, todavia, não é suficiente, segundo o economista. É preciso mais. É preciso que o governo introduza a intervalos regulares certos redutores nas correções monetária e cambial, fazendo, assim, com que dentro de uma estratégia gradualista, elas calam continuamente e, por sua vez, também puxem a inflação para baixo.

RENDA PER CAPITA CAIRÁ

Para Moura da Silva, que junta-

mente com André Lara Resende, da PUC, do Rio, e Paulo Nogueira Batista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas, FGV, debateu ontem com executivos de cerca de 120 empresas as consequências do estrangulamento externo e seu impacto interno, no Centro Empresarial de São Paulo, a renda per-capita nacional deverá reduzir-se alguma coisa em torno de 10% no decorrer deste ano e ao longo do próximo.

Isto ocorrerá, segundo o diretor da Fipe, em consequência do acordo — atualmente em fase de revisão de metas — feito entre as autoridades econômicas brasileiras e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

RENEGOCIAR A DÍVIDA

Para o professor da Unicamp, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, contudo, a discussão sobre desindexar ou não a economia brasileira está, na verdade, escondendo o problema central, que, a seu ver, é a necessidade urgente de renegociar a dívida externa.

"De que adianta desindexar a economia?", pergunta Belluzzo, "se os juros não baixarem?" E concluiu: "Mesmo que os juros baixem, isso não resolverá os problemas das empresas estatais e privadas endividadas, que são de solvência e não de liquidez".

MEDIDA ACERTADA

O presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, Gastão Eduardo de Bueño Vidigal, disse ontem que o expurgo dos índices oficiais, anunciado pelo governo, é uma medida acertada e até mesmo indispensável para que o pacote divulgado na semana passada possa dar certo. Sem a administração desses índices, a inflação poderia subir, nos próximos dois meses, para um patamar de 200%, se anualizada para dezembro.

O expurgo, ou a desindexação parcial da economia, que vinha sendo reclamada por empresários de diversos setores, dará ao governo, segundo Vidigal, maiores margens de manobra e maior espaço de tempo para programar as correções de rumos que se fizerem necessárias. O presidente do Mercantil não vê risco de evasão da poupança do mercado financeiro, para especulação com imóveis, por exemplo.

Embora observando que as consequências do expurgo sobre a economia em geral dependerá da dosagem que for aplicada na administração dos índices, Vidigal admite que serão criadas condições para uma reativação gradual da economia, iniciativa que ele considera da maior importância em face dos graves problemas sociais provocados pelo desemprego.